

# **A Estética e a Comunicação em *A Planta Carnívora* de José Leon Machado**

**Maria Fátima da Silva Teixeira**

## **Introdução**

Neste trabalho pretende-se abordar a estética e a comunicação usadas pelo autor José Leon Machado na obra *A Planta Carnívora*. Inicialmente, será importante verificar a evolução dos dois conceitos ao longo do tempo, para tentar averiguar de que forma os autores de hoje os representam nas suas obras, nomeadamente o autor em causa.

Um termo está intrinsecamente ligado ao outro e não os podemos dissociar. A comunicação é tão velha como o Homem, no entanto, a estética surgiu mais tarde, enquanto objecto de estudo. Embora a estética, enquanto teoria, se ocupe de diferentes manifestações de arte, a literatura sempre ocupou um lugar central nas suas preocupações. Muitas vezes, assistimos à arte ao serviço da arte, em que uma arte se serve de outra e vice-versa. Frequentemente, a literatura surge a partir de uma manifestação de arte diferente, nomeadamente da pintura, da música, entre outras. A literatura também recorre à própria literatura como objecto de inspiração ou criação.

Ao longo da História, a comunicação e a estética foram sendo estudadas e classificadas à luz dos tempos. Os autores enquadram-se em diferentes correntes e épocas, de acordo com a forma como abordam ou se caracterizam, tendo em conta as definições e pontos de vista dos dois conceitos.

Pretendo provar nesta explanação que o autor José Leon Machado é um autor contemporâneo, não só pela época em que existe, mas pela maneira como se expressa. Apesar de ser um autor actual, as suas obras são fruto não só da sua mundividência, mas também da influência de vários autores clássicos.

## **Breve noção de Comunicação e Estética**

### **Comunicação**

A origem da comunicação remonta à origem do Homem e pode ser vista como o intercâmbio de informação entre sujeitos ou objectos.

A comunicação humana é um processo que envolve a troca de informações e utiliza os sistemas simbólicos como suporte para esse fim. Estão envolvidos neste processo uma infinidade de maneiras de se comunicar.

O estudo da Comunicação é amplo e sua aplicação é ainda maior. Para a Semiótica, o acto de comunicar é a materialização do pensamento/sentimento em signos conhecidos pelas partes envolvidas.

A evolução na área de comunicação é parte integrante da própria evolução do Homem e da sociedade, mesmo porque é sabido que a comunicação está directamente ligada aos sentidos humanos. Então, basta dizer que hoje é impossível o homem deixar os seus sentidos de lado, simplesmente ignorando-os, e deixando de comunicar-se.

No século XX, Jakobson definiu, no campo teórico, o esquema da comunicação. Para que a comunicação se processe é necessário que exista um emissor, uma mensagem a transmitir e um receptor para a receber. A comunicação pode ser verbal, se assenta num sistema linguístico, ou não verbal, como é o caso de muitas manifestações de arte, a pintura, por exemplo. A comunicação pode ser comum se for informativa ou referencial; pode ser estética quando sobre ela fazemos um juízo de valor, um julgamento estético, onde incluímos a literatura, por exemplo.

### **Estética**

O belo e a beleza têm merecido a atenção de várias ciências e áreas de estudo, sobretudo no campo da filosofia. A estética, enquanto disciplina filosófica, surgiu na antiga Grécia, como uma reflexão sobre as manifestações do belo natural e do belo artístico. Nas cidades gregas era dada grande importância aos espaços públicos, ao debate de ideias e às manifestações culturais, pelo que a noção de estética e a reflexão sobre o seu conceito são indissociáveis da realidade vivida nessa região.

Platão foi o primeiro a perguntar “*O que é o Belo?*”. A resposta a esta questão identificava-se com o bem, a verdade e a perfeição. Para ele, o belo era necessariamente bom porque era uma manifestação do bem. A ética confundia-se com a estética. Platão defendia a objectividade do belo universal, independentemente do gosto individual, não havendo nenhuma regra para definir o belo. Criticou a arte que se limitava a “copiar” a natureza, o mundo sensível, afastando assim o homem da beleza que reside no mundo das ideias. As obras de arte deviam seguir a razão, procurando atingir tipos ideais, desprezando os traços individuais das pessoas e a manifestação das suas emoções.

Aristóteles concebe a arte como uma criação especificamente humana, em que o belo é intrínseco ao homem. Ele distingue a arte com utilidade prática, que completa o que falta na Natureza, e a arte que imita a Natureza que pode, no entanto, abordar o que é impossível, irracional, inverosímil. O que confere a beleza a uma obra é a sua proporção, simetria e ordem, isto é, uma justa medida. Aristóteles associou a arte à imitação da Natureza.

As ideias de Platão e Aristóteles tiveram uma larga influência nas ideias estéticas da arte ocidental.

Durante a Idade Média, o Cristianismo, difundiu uma nova concepção da beleza, tendo como fundamento a identificação de Deus com a beleza, o bem e a verdade.

Santo Agostinho concebeu a beleza como todo harmonioso, isto é, com unidade, número, igualdade, proporção e ordem. A beleza do mundo não é mais do que o reflexo da suprema beleza de Deus, onde tudo emana. A partir da beleza das coisas podemos chegar à beleza suprema.

São Tomás de Aquino identificou a beleza com o bem. As coisas belas possuem três características ou condições fundamentais: integridade ou perfeição; a proporção ou harmonia; a claridade ou luminosidade. Como em Santo Agostinho, a beleza perfeita identifica-se com Deus.

No Renascimento, os artistas adquirem a dimensão de verdadeiros criadores. Surge o conceito de gosto, o belo deixa de ser encarado como algo em si e é visto como algo que varia de país para país ou de acordo com o estatuto social dos indivíduos. Assiste-se à difusão de uma concepção misteriosa da beleza, ligada à simbologia das formas geométricas e aos números, inspirada no pitagorismo e neoplatonismo, que são lidos na fonte. Por outro lado, há a propagação de uma interpretação normativa da estética aristotélica, em que se estabelecem regras e padrões fixos para a produção e a apreciação da arte.

Entre os séculos XVI e XVIII predominam as estéticas de inspiração aristotélica. Procura-se definir as regras para atingir a perfeição, as academias difundem-se e pretendem o estudo e aplicação da arte.

Na segunda metade do século XVIII, a Europa assiste a várias mudanças, nomeadamente a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, estando criadas as condições para o aparecimento de novas ideias. O principal movimento artístico, deste período, é o neoclássico que toma como fonte de inspiração a antiga Grécia e Roma. É neste contexto que surge Immanuel Kant, o principal criador da estética contemporânea. Para Kant, os nossos juízos estéticos têm um fundamento subjectivo, dado que não se podem apoiar em conceitos determinados. O belo é o que agrada universalmente, sendo a experiência estética uma prática desinteressada, um prazer meramente contemplativo. O juízo estético, ou juízo de gosto, é subjectivamente universal em que o belo depende do sujeito e daquilo que ele sente.

Ao longo do século XIX, a arte atravessa profundas mudanças. As academias são postas em causa e artistas como Courbet, Monet, Manet, Cézanne ou Van Gogh criam uma ruptura com as suas normas e convenções, preparando desta maneira o terreno para a emergência da arte moderna.

O século XX foi, a todos os níveis, um século de rupturas. No domínio das práticas artísticas, assiste-se à integração de novas manifestações criativas. Esta integração permitiu esbater as fronteiras entre a arte erudita e a arte para grandes massas. A arte é inspiração e genialidade e dá-se a cisão entre a arte e a técnica. Aparece o termo “*Belas-Artes*” para designar as várias manifestações artísticas.

Na contemporaneidade surgem novas designações, tais como: artes plásticas no espectáculo, arte popular, entre outras. Há uma ruptura com todos os princípios estéticos e há grupos de artistas que se unem em escolas, movimentos e correntes como o realismo, impressionismo, cubismo, dadaísmo, surrealismo e outros.

A arte contemporânea surge na segunda metade do século XX e vigora até aos dias de hoje. Engloba a *Pop Art*, a *Street Art*, o minimalismo, a arte comercial, e outras.

A arte foi dessacralizada, perdeu a sua carga mítica e iniciática de que se revestiu em épocas anteriores, tornando-se frequentemente um mero produto de consumo. Quase tudo pode ser considerado como arte, basta para tanto que seja "consagrado" por um artista.

A estética é o mecanismo usado pelo artista para lapidar a palavra como faz o escultor a um bloco de pedra com o objectivo de transformá-la numa jóia e proporcionar o efeito emocional, uma sensação de prazer, emoção no receptor.

(Adalberto Lima)

## Breve biografia do autor José Leon Machado

José Leon Machado nasceu em Braga, no dia 25 de Novembro, de 1965. Estudou na Escola Secundária Sá de Miranda e licenciou-se em Humanidades pela Faculdade de Filosofia de Braga. Frequentou o mestrado na Universidade do Minho, tendo-o concluído com uma dissertação sobre literatura comparada. Em 2002, doutorou-se em Linguística pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Em 2009, apresentou Provas de Agregação na mesma área científica. É actualmente docente de Semiótica e de Língua e Cultura Portuguesas. Tem colaborado em vários jornais e revistas com crónicas, contos e artigos de crítica literária. A par do seu trabalho de investigação e ensino, tem-se dedicado à escrita literária, especialmente à ficção. Influenciado pelos autores clássicos greco-latinos e pelos autores anglo-saxónicos, a sua escrita é simples e concisa, afastando-se em larga medida da escrita de grande parte dos autores portugueses actuais, que considera, segundo uma entrevista recente, «*na sua maioria ou barrocamente ilegíveis com um público constituído por meia dúzia de iluminados, ou bacocamente amorfos com um público mal formado por um analfabetismo de séculos.*» A escrita do autor afasta-se destas tendências e tem um pendor clássico, dentro da tradição de Eça de Queirós e Vergílio Ferreira, sem porém cair na imitação fácil.

A temática das suas obras vai desde a questão das origens, passando pelo fim do mundo rural, até à perda da memória cultural da sociedade moderna.

Ganhou vários prémios literários, de que se destacam o Prémio Edmundo Bettencourt 2001, da Câmara Municipal do Funchal com a obra *Os Incompatíveis* (contos, Campo das Letras, 2002) e o Grande Prémio de Literatura ITF 2002 (actual DST) com a obra *Fluviais* (contos, Campo das Letras, 2001).

## **Análise da obra *A Planta Carnívora* de José Leon Machado**

«O mundo está cheio de coisas para descobrir. E se não temos com quem as partilhar, será como ter uma planta carnívora numa casa sem insetos para ela atrair.»

José Leon Machado

*A Planta Carnívora* é a continuação do romance *O Cavaleiro da Torre Inclinada*. Nesta segunda obra, Marco Túlio Ferreira, professor universitário, deixa a casa da família e vai viver sozinho. A ex-esposa reconhece que a separação, baseada num adultério de que não tem provas, foi precipitada e procura convencê-lo a regressar a casa. Ele, no entanto, vai adiando a decisão. Além da amiga brasileira Dulce Nara que aparece na primeira obra, envolve-se com uma jovem austríaca especialista em plantas carnívoras, uma professora de História Medieval que gosta de *heavy-metal*, duas nova-iorquinas que praticam o *swing* e uma freira com dúvidas. A obra é mais uma hilariante colecção de cenas da vida académica, repleta de sensualidade.

### **1. Contextualização histórica**

Apesar de não se enquadrar no romance histórico, a obra faz uma abordagem à História, sobretudo, do século XX. Parte da acção narrada remete para Fátima e as Aparições de 1917. Os acontecimentos narrados ocorrem no século XXI, mas levam o leitor a relembrar o que ocorreu no século anterior, através de várias alusões e pretextos.

#### **Aparições de Nossa Senhora de Fátima, em 1917**

Como todo o bom português, Marco Túlio Ferreira faz uma visita a Fátima. Por não acreditar cabalmente na explicação dada para o fenómeno ocorrido em Fátima, em 1917, pela igreja, Ferreira remete o leitor para uma reflexão sobre o que realmente possa ter acontecido, analisando os documentos da altura, mas à luz dos conhecimentos de que dispomos actualmente. Não impõe a sua ideia, mas conjectura a possibilidade de ali ter ocorrido um fenómeno ovnilógico, já que ele entende que Nossa Senhora não aparece a qualquer um e em qualquer sítio. Ao longo da obra refere vários documentos e pistas sobre o assunto. Faz referência ao facto de o milagre do Sol ter sido testemunhado por pessoas não crentes, como o professor da Universidade de Coimbra José Maria de Almeida Garrett, e que fizeram a descrição do que viram, levando a acreditar que se tratou de uma visita de seres de outro planeta.

Os jornais da época também relataram o facto, nomeadamente *O Século*, através do jornalista Avelino de Almeida e do fotógrafo Benoliel<sup>1</sup>. Ferreira tenta investigar o material disponível, incluindo os negativos das fotografias da época, e acredita cada vez mais nas suas suposições. Ferreira, no decorrer da visita, conhece Rafaela, uma religiosa. Ele dá-lhe conta das suas conjecturas, de forma subtil, sem impor as suas ideias, mas Rafaela aceita os acontecimentos sem os questionar, tal e qual como a Igreja, a História e a Sociedade lhos apresentaram. Esta conversa atrai a curiosidade da religiosa e leva-a a colaborar na investigação. Com o trabalho de pesquisa, as certezas

---

<sup>1</sup> Benoliel – fotógrafo do jornal *O Século*, que esteve na Cova da Iria, no dia 13 de Outubro de 1917, a fotografar a multidão e o fenómeno da Aparição de Nossa Senhora.

de Rafaela são abaladas e as dúvidas instaladas, facto que a levou a questionar as suas superiores. Pela ousadia, foi castigada e, por não aceitar a situação, abandonou a vida religiosa.

Algumas personagens, que entram no enredo, dão a sua opinião sobre o assunto, umas a favor, outras opondo-se e apresentando o seu ponto de vista dos factos. Maria da Piedade, assumidamente descrente, numa conversa com Ferreira, refere que Fátima é um embuste e típico de gente simples e ignorante, que se presta a sacrifícios para pagar favores divinos e deixa nos cofres do santuário o dinheiro que lhe faz falta. Ferreira discorda e tenta mostrar à amiga a importância que o facto tem para o país e para o mundo. O protagonista tenta mostrar que as Aparições foram, provavelmente, o acontecimento mais importante ocorrido em Portugal no século XX. Por oposição, Maria da Piedade tenta sobrepor a este acontecimento, outros factos históricos, tais como: Implantação da República, o Golpe Militar de 1926, a Guerra Colonial e a Revolução de 1974. Embora os acontecimentos referidos por Maria da Piedade não tenham sido analisados, a simples referência levam o leitor a recordá-los e a encaixá-los na linha cronológica dos acontecimentos proeminentes do século XX.

### **Primeira República 1910 (centenário)**

A narrativa ocorre no ano 2010, altura em que se comemora o primeiro centenário da República Portuguesa. Ferreira tem a seu cargo escrever alguns artigos, capítulos de livros e fazer comunicações em congressos, sobre a efeméride. Embora não explore muito o assunto, contextualiza a obra temporalmente e recorda o facto histórico ao leitor.

### **Adultério na Inglaterra Vitoriana (1837-1901)**

Marco Túlio Ferreira, professor na Universidade D. Dinis, na área de Ciências da Cultura, faz investigação sobre o adultério na Inglaterra Vitoriana. Este facto encaminha o leitor para o século XIX. O assunto não é amplamente exposto, mas deixa transparecer algumas informações e comparações com a actualidade e a sua situação.

### **História Medieval**

Esta é a área de estudo de uma personagem da obra, Maria da Piedade. Apesar de ter gostos bastante peculiares, a professora dedica-se ao estudo desta época histórica e tem vários documentos sobre o assunto, nomeadamente livros, música, entre outros. O assunto serve para estabelecer comparação com algumas situações vivenciadas ao longo da obra e para mostrar que uma pessoa pode conjugar em si gostos diversificados.

Muitas vezes fazemos conjecturas sobre as pessoas tendo em conta as suas ocupações, os seus interesses pessoais ou o seu trabalho. Maria da Piedade é a prova de que essa abordagem pode sair defraudada, pelo facto de cada indivíduo ser uma verdadeira caixa de surpresas.

## **2. Temáticas**

Marco Túlio Ferreira é um professor universitário que trabalha na Universidade D. Dinis e relata a Vida Académica e os Costumes da sociedade da sua época, no caso, o século XXI.

## **Vida Académica**

O romance começa com a descrição de uma reunião de Departamento na Universidade D. Dinis. A personagem dá a conhecer alguns aspectos ligados a este sector de ensino e à forma como, em alguns casos, a influência de conhecimentos se pode sobrepor às capacidades profissionais e pedagógicas.

Faz referência a teses e aos requisitos inerentes à sua arguição, bem como à publicação. A personagem mostra uma certa decepção em relação ao empenho e conhecimento dos alunos actuais. Na maioria dos casos, são pouco empenhados e não se regem pela ambição e sede de conhecimento. A obra deixa transparecer que, com o passar do tempo, é exigido menos aos alunos e a prestação destes é cada vez menor e despida de ambição. A par deste desinteresse, faz referência ao mau gosto das praxes académicas, que as caracteriza como práticas medievais e que espelham o pensamento da sociedade actual, tecnologicamente evoluída, mas com uma mentalidade obtusa e tribal.

Um facto que sobressai é a necessidade de produção académica por parte dos professores universitários. Para além das aulas, Ferreira tinha que fazer pesquisa na sua área de investigação, fazer comunicações em congressos, escrever artigos para jornais, revistas e livros. Praticamente no término da narrativa, Ferreira dá conta da dificuldade dos professores para orientarem tantas teses e dissertações e, ao mesmo tempo, dar aulas, fazer investigação e respectiva produção científica.

## **Sexualidade e erotismo**

As relações amorosas são um tema caro e povoam o romance. O autor aborda a temática da sexualidade através de metáforas e comparações hilariantes levando o leitor a ficar absorto na leitura e embevecido pelas analogias feitas.

Numa altura em que as relações entre homens e mulheres não se regem por valores de outrora, havendo em alguns casos, uma certa leviandade por parte de alguns, estes são ingredientes essenciais num romance de crítica de costumes.

A obra refere que, em alguns casos, as relações íntimas podem sobrepor-se a capacidades profissionais, assistindo-se a uma perda de valores éticos e morais e a própria desvalorização das relações humanas.

Ferreira, outrora um *Don Juan* cujo casamento não era impedimento para se envolver sexualmente com outras mulheres para além da esposa, continua a ser um homem muito bem aceite e procurado pelo género feminino. A narrativa faz alusão a várias relações do passado, como é o caso de Christine, Maribel, Concha, Paloma, Dulce, Natividade e a ex-esposa, a Ângela. No decorrer da narrativa, Ferreira reencontra-se com a colega Dulce e tem uma descaída com Ângela, no entanto, encontra novas mulheres com quem não se faz rogado e se envolve sexualmente. Estas relações são revestidas de falta de compromisso o que agradava bastante a Ferreira.

Ferreira apresenta-se como um homem divorciado a quem as colegas do trabalho não interessavam. Este facto não constituiu impedimento para se envolver com outras mulheres que o acaso se encarregou de colocar na sua vida.

No início da obra, Ferreira recebe Ingrid que conhecera numa viagem à Áustria e este é o início de uma relação que perdurou durante grande parte da narrativa. Trata-se de uma investigadora de botânica que lhe pediu colaboração para fazer pesquisa na



região do Douro, sobre plantas carnívoras, a *Drosophyllum Lusitanicum*<sup>2</sup>. Inicialmente, Ferreira não se mostra muito interessado, até que vê a bela mulher que ela é. O trabalho de campo e de investigação foi para além da pesquisa de plantas carnívoras e os dois envolveram-se, sem compromissos e sem remorsos, uma vez que ela era casada. Este envolvimento durou até o Ferreira ter a falsa suspeita de que Ingrid se envolveu com outro colega. Desta relação, é possível depreender que, apesar de ocasional, ficou entre ambos uma bela amizade, sem ressentimentos e cobranças.

Numa viagem a Lisboa, Ferreira encontra a sua colega Maria da Piedade. Esta mostra-se muito hospitaleira e oferece-lhe guarida no seu apartamento. A solidão do divórcio dos dois leva-os a uma noite inusitada de sexo, ao som de uma banda de *heavy-metal*.

No final da obra, Ferreira volta a reencontrar-se com a amiga, desta feita é ela que o vem visitar ao norte e, como forma de retribuir a hospitalidade da amiga, em Lisboa, Ferreira convida-a a passar a noite no seu apartamento. A amiga, por se encontrar no período fértil e embriagada, oferece ao colega uma sessão de masturbação feminina, igualmente ao som do *heavy-metal* e bem regada pelo licor *Levanta o Pau*.

Ferreira, numa visita à esposa, revela que Maribel não estava grávida e que tudo não tinha passado de um equívoco. Ângela pede-lhe que ele volte para casa e mostra-se uma mulher diferente. Ferreira não consegue rejeitá-la e conhece na ex-mulher um desempenho sexual que ainda não tinha experimentado, o que o deixa balançado a reatar a relação, facto que não se verifica, até ao fim da narrativa.

Numa viagem aos Estados Unidos, aliás a primeira ida de Ferreira à terra do tio Sam, esta personagem descobre que ainda havia muito para descobrir sobre as mulheres e sobre o sexo. Reencontra a sua amiga Dulce, uma colega brasileira que tinha queixas do marido, com quem relembra momentos do passado e que tornam a estadia muito agradável. Dulce não é o único contacto sexual, embora intenso, que Ferreira tem nos Estados Unidos. Estranhamente, num passeio pelo Central Park, um casal desconhecido convida Ferreira e Dulce para uma festa, em sua casa, para comemorar dez anos de casamento. Inicialmente, Ferreira mostra-se reticente e pouco interessado, mas a amiga, movida pela curiosidade, acaba por convencê-lo e vão à festa. Lá, ambos se apercebem que os convidados e anfitriões têm gostos diferentes dos que estão habituados e são envolvidos num grupo de casais que pratica *swing*. Ferreira deixa-se envolver com Martha e Grace, mas Dulce salva-se com uma suposta indisposição. Desta forma, Ferreira, que pensava ser um homem bastante conhecedor do género feminino e da arte da sedução, fica surpreendido com mais uma descoberta, diferente de tudo o que tinha pensado viver.

A narrativa acaba com a acalmia de Ferreira que se deixa encantar por Rafaela e lhe promete culto por toda a eternidade. Desta forma, a obra deixa transparecer que toda a procura de Ferreira, em busca da mulher “perfeita” culminou na relação tranquila com Rafaela.

### **Locais visitados**

---

<sup>2</sup> *Drosophyllum Lusitanicum* - Pinheiro-baboso ou orvalho-do-sol, é uma das raras plantas carnívoras que suporta bem a escassez de água. As suas folhas estão recobertas por glândulas que segregam uma substância com odor a mel que atrai os insectos e outros pequenos animais. Quando estes lhe tocam, ficam presos, acabando por morrer de exaustão depois de se debaterem para tentarem libertar-se. Comparada com outras plantas carnívoras, a *Drosophyllum* é uma das maiores caçadoras em termos de quantidade de presas capturadas.

Ao longo do romance, Marco Túlio Ferreira faz alusão aos sítios por onde passa ou vai. Refere locais europeus e americanos e acaba por caracterizá-los através de estereótipos mais ou menos abonatórios.

A maior parte da narrativa é relatada na região do Douro e do Minho. Ocasionalmente, Ferreira viajou até outros pontos do país, como Fátima e Lisboa, e outros locais no mundo, nomeadamente Innsbruck, na Áustria, e Nova Iorque, nos Estados Unidos.

Será interessante apontar a visão que Ferreira dá de cada um destes locais. O Douro, o seu local de trabalho e onde se passa a maior parte da acção espacial da obra, apresenta uma paisagem natural deslumbrante, privilegiada pelo rio e pela vinha. “*É espantoso como este rio é límpido.*” (Machado 2011: 79) Por outro lado, o leitor toma conhecimento da existência de uma espécie de plantas carnívoras, nesta região, e fica a saber mais sobre a *Drosophyllum Lusitanicum*.

Outro lugar que descreve com alguma minúcia é Fátima e o recinto religioso. Usa algumas comparações e descrições inesperadas.

Sentou-se num banco da cobertura que resguarda a capela das aparições. Olhou a estatueta da Senhora, pintada de branco e de coroa na cabeça. (...) Ele afastou-se e saiu da basílica. Ao fundo do recinto, o gigantesco disco de pedra e cimento largava a carga da missa. Desceu as escadas, atravessou a Cova da Iria a passo ligeiro e encontrou os familiares junto à cruz ferrugenta. (Machado 2011: 25, 32)

No âmbito das suas pesquisas e devido à sua actividade académica, Ferreira visita Lisboa. Descreve trajectos e locais.

Como detestava conduzir na capital, logo que chegasse, deixaria o carro na Estação do Oriente e andaria de metro. (...) ele chegou à Avenida de Berna, depois de sair da estação do Campo Pequeno ao final da manhã. Foram almoçar ao Restaurante Maldamores perto da universidade. (Machado 2011: 35)

Algumas das descrições feitas, servem para mostrar a visão que a personagem tem da cidade de Lisboa.

Havia uma boa percentagem de africanos e alguns asiáticos. O resto tinha aspecto indefinido: os autóctones resultantes de antigas misturas de invasões, imigrações e sonhos desfeitos. No século XVI, dez por centos dos habitantes de Lisboa eram negros. (Machado 2011: 37).

Ferreira aproveita para mostrar a proximidade que um dia Portugal teve das colónias africanas, nomeadamente de Angola e faz a sua interpretação dos acontecimentos.

Em Portugal, de certo modo, somos todos negros. Se não de pele, certamente de mitocôndrias, herdado das nossas avós africanas que os traficantes de escravos para aqui trouxeram de Angola como as bananas e que os senhores fecundavam a seu bel-prazer. (Machado 2011: 38)

Na parte final da narrativa, o protagonista visita os Estados Unidos, pela primeira vez. Talvez por esse facto, as descrições e anotações dos lugares são numerosas, quer para descrever espaços, quer para contrapor com a realidade portuguesa. Ele chega através do aeroporto de Newark para estar presente num congresso na Columbia University. Observa Manhattan quando atravessa o rio Hudson. Como pontos de interesse, Ferreira sugere à amiga Dulce alguns museus, o Empire State Building, o Rockefeller Center, a estátua da Liberdade, o Times Square, a Broadway, a 5.<sup>a</sup> Avenida, a 7.<sup>a</sup>, o Central Park, entre outros. Ela leva Ferreira a conhecer o Livro de Horas Negro no museu Pierpont Morgan, na Madison Avenue, e a Boat House no Central Park. Antes de regressarem a Portugal, Ferreira e Dulce visitam o Metropolitan Museum

Em Nova Iorque, é feita ainda referência a alguns locais emblemáticos do Brasil, embora as personagens não estejam presentes neles, tais como: São Paulo, Bahia, Salvador, cidades históricas de Ouro Preto, Florianópolis, Recife, Oiapoque, Ghuí, Chapada Diamantina, Piauí, Amazónia.

## **Religião**

A religião, mais propriamente as Aparições de Fátima, em 1917, assume um papel importante na obra. Embora a personagem principal não seja um religioso praticante, interessa-se por saber o que realmente aconteceu na Cova da Iria, não para se opor à explicação religiosa, mas por acreditar que ali ocorreu uma manifestação ovnilógica. A pesquisa que faz sobre o ocorrido em 1917, leva-o várias vezes a Fátima e a falar sobre o assunto.

## **Ufologia**

É uma das temáticas abordadas no romance e que gera algumas situações hilariantes.

Logo nas páginas iniciais, Marco Ferreira é-nos apresentado como um curioso da matéria e lê tudo o que consegue sobre o assunto, em vários suportes informativos. O interesse fora despertado quando em criança, numa noite de calor, ele e a irmã observaram um objecto luminoso no céu e, como a explicação de que seria um helicóptero ou avião não o satisfaz, ficou-se pela que apontava para um óvni, mas não se atreveu a revelar a ninguém esta visão para não ser rotulado de maluco. “*Marco Túlio Ferreira nunca disse a ninguém o que vira naquela noite. Mas nem por isso deixou de se informar sobre o assunto.*” (Machado 2011: 15)

Aquilo que presenciou em criança ficou adormecido até conseguir informação suficiente para fundamentar as suas opiniões. Em adulto, e sendo um homem ligado à investigação do passado, procura uma explicação para o fenómeno ocorrido em Fátima, em 1917. Para Ferreira, o que aconteceu tem relação com seres de outros planetas, mais evoluídos que os terráqueos, e que vieram cá estudar-nos.

Na visita que fez a Fátima, para cumprir a promessa que fizera aos pais, Ferreira tem a ufologia sempre na lembrança e caracteriza os espaços de acordo com isso. “*Havia realmente uma às doze no disco voador gigantesco a que as autoridades eclesiásticas deram o nome de Igreja da Santíssima Trindade.*” (Machado 2011: 25).

Quando remete o leitor para as descrições feitas pelos pastorinhos, em 1917, confronta-as com informações dadas pela literatura ovnilógica que foi lendo.

As descrições dos inqueritos falavam de uma menina mais brilhante do que o Sol, de saia curta, botas altas e uma bola de picos na mão por onde lhe mostrava as coisas. Era uma descrição típica da literatura ovnilógica. Se apareceu alguém aos três miúdos, não foi a mãe de Cristo, mas um ser extraterrestre. (Machado 2011: 25)

Fez pesquisa em jornais da época e refere que

O jornalista de *O Século* Avelino de Almeida referiu-se a um disco de prata fosca. Um padre, num jornal paroquial, foi claro ao dizer que não tinha sido o Sol a andar, mas um veículo que trouxe Nossa Senhora. (Machado 2011: 26).

Ferreira acredita cada vez mais nas suas convicções e continua a investigar e a comprar livros de ufologia.

## Tecnologia

A certa altura e para se abstrair das trapalhadas que se passavam à sua volta, no Departamento de Letras da Universidade D. Dinis, Ferreira manda vir da *Amazon* um ensaio sobre o adultério na Inglaterra vitoriana. Os contactos efectuados são, em grande parte dos casos, através do *email* ou do telemóvel, sendo estes meios de comunicação da era contemporânea que marcam presença ao lado de outros mais antigos, como os livros, jornais, e outros.

O *facebook*, realidade recente, aparece como meio de comunicação entre algumas personagens. “*Acabou por entrar no Facebook*” (Machado 2011: 20) “*A austríaca explicou-lhe que, quando recebeu a mensagem com o seu endereço de email, procurou-o no Facebook.*” (Machado 2011: 21)

## 3. Influências

### Saramago

Podemos constatar que há uma intertextualidade ideológica entre a obra *A Planta Carnívora* de Machado e a obra *O ano da morte de Ricardo Reis* de José Saramago, que por sua vez a estabelece com o heterónimo de Pessoa. Podemos explicar que de alguma maneira a personagem é a mesma, mas marcada pela evolução do tempo. Em todas as abordagens, o aspecto físico é aquele que perdura mais, sendo que ambos os Ricardos Reis se apresentam como um “homem de cabelo grisalho, seco de carnes”.

Ricardo Reis pessoano é um espectador do mundo que não se envolve sentimentalmente nas suas tragédias. “*Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio. Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos Que a vida passa e não estamos de mãos entrelaçadas.*” (Ricardo Reis) Para este, o amor é algo espiritual e imaculado que não se realiza materialmente e tem a Lídia como musa.

Saramago, ao retomá-lo na sua obra *O ano da morte de Ricardo Reis*, retira-lhe algumas das suas características básicas pessoais. Este deixa de ser mero observador para ser mais mundano, menos coerente e objectivo. A sua musa Lídia corpifica-se e surge na pele de uma camareira do Hotel Bragança, com quem mantém relações carnis. Saramago refere

(...) quem será que não quer dormir em mim, o corpo inquieto, de quem, ou o que não sendo corpo com ele se inquieta, eu por inteiro, ou esta parte de mim que cresce, meu Deus, as coisas que podem acontecer a um homem. (Saramago 1984: 60)

Em ambas as obras citadas anteriormente, a de Pessoa e a de Saramago, a personagem mantém o mesmo nome e a mesma fisionomia, mudando apenas no plano ideológico e na forma de estar e encarar o mundo.

Na obra, de José Leon Machado, *A Planta Carnívora* parece criar um paralelismo com a de Saramago. A personagem de Ferreira tem a mesma fisionomia de Ricardo Reis. Ferreira parece adoptar a postura deixada por Ricardo Reis, em 1935, ao envolver-se amorosamente com mulheres e, sobretudo, pela forma como encara o mistério das Aparições de Fátima.

Ricardo Reis de Saramago mostra-se céptico em relação à veracidade do que aconteceu na Cova da Iria, em 1917, mas a vontade de encontrar uma mulher, objecto da sua devoção, leva-o a ir visitar o recinto de Fátima na tentativa de a encontrar.

Marcenda estava doente e desenganada e Ricardo tentaria de tudo para salvar a sua amada.

É então que ele diz, Amanhã vou a Fátima. Ela julgou ter percebido mal, perguntou, Vai aonde, A Fátima, Pensava que não fosse dessas ideias de igreja, Vou por curiosidade, Eu nunca lá fui, na minha família somos pouco de crenças, É para admirar, queria Ricardo Reis dizer que pessoas de classe popular são próprias para terem tais devoções (...) Serve-me de passeio, tenho estado sempre para aqui metido, era já noutras coisas que pensava. (Saramago 1984: 194)

Também Ferreira de *A Planta Carnívora* vai a Fátima sem ser necessariamente um crente acérrimo. Parte das viagens que faz ao recinto são para se encontrar com a Irmã Rafaela. “*Ainda não sabia como encontrar a irmã Rafaela.*” (Machado 2011: 127). A dificuldade prendia-se com a existência de muitos fiéis no recinto. “*Andou às voltas, ora empurrando, ora pedindo licença para avançar por entre a chusma de fiéis que ouviam a missa.*” (Machado 2011: 128).

Ora, Ricardo Reis de Saramago sentiu a mesma dificuldade. “*O caminho era um formigueiro de gente, uma longa coluna de pedestres, (...)*”. (Saramago 1984: 198)

É com o descrito anteriormente que pretendo demonstrar a proximidade que se estabelece entre Ricardo Reis de Saramago e o Marco Túlio Ferreira de José Leon Machado. Ambos colocam em causa o que aconteceu em Fátima, em 1917, mas vão lá atraídos por Marcenda e Rafaela. Para o primeiro a união não se concretiza, para o segundo, o desfecho é bem diferente.

### **Eça de Queirós**

Nas obras de Eça de Queirós, sobretudo em *A Capital!*, está patente o iberismo e o desprezo pelos espanhóis, sobretudo através da prostituição das espanholas nas casas de Lisboa, que não se escusavam em saquear os seus amantes e abandoná-los sem piedade. Também José Leon Machado usa uma espanhola, a Maribel, como motivação para o divórcio do Marco Túlio Ferreira. Depois de o levar à perdição, inventando uma gravidez sem se assegurar da veracidade da informação que avançava para o seu amante, afastou-o sem qualquer justificação plausível, tal como Concha fez a Artur.

Igualmente, podemos denotar esta influência pela proximidade ideológica entre a personagem de Marco Túlio Ferreira de *A Planta Carnívora*, com Gonçalo Ramires de *A Ilustre Casa de Ramires*. Gonçalo Ramires escreve uma obra sobre os seus antepassados, temos a literatura dentro da literatura, embora a arte não consiga vingar e obrigue o protagonista a procurar outras formas de vida e de obter prestígio. Também o Ferreira de *A Planta Carnívora*, de José Leon Machado, desenvolve a actividade da escrita, sendo referido o livro intitulado *Memórias de um Canalizador*, como uma obra já publicada. Ferreira, à semelhança de Gonçalo Ramires, não vive da escrita, sendo a profissão de professor a sua ocupação principal, no entanto, escreveu um livro com base em experiências de vida na época da sua juventude, em que ajudava o pai na sua actividade de empreiteiro. De alguma maneira, Ferreira resgata memórias passadas e exalta os seus antepassados, neste caso o próprio pai. Ora, Gonçalo Ramires também escreve com base em memórias do passado e dos seus ancestrais, embora vá buscar memórias mais remotas para resgatar o heroísmo dos Ramires. Apesar das motivações das personagens serem completamente diferentes, ambos escrevem com base em vivências do passado e nas suas mundividências.

Outra ideia que os aproxima, é o facto de tentarem passar aos seus leitores, através das suas obras, algumas ideias que podem constituir soluções para o país. Na obra *A Ilustre Casa de Ramires*, Eça propõe a Portugal uma solução para os seus problemas, ao

levar Gonçalo para África onde fez fortuna, também Portugal deveria ver nas colónias a solução para os seus problemas e talvez aí encontrasse parte da solução para os problemas da sociedade da época.

José Leon Machado parece que também faz uma proposta a Portugal, desta feita, que veja a sua salvação em países como o Brasil. A alusão a Dulce, colega brasileira, que encontra nos Estados Unidos, deixa depreender pelo percurso das personagens, que podem contar sempre um com o outro, deixando antever que também Portugal e o Brasil poderão ajudar-se mutuamente, quer pela história que os une, quer pelo sentimento e amizade que se cultivou.

Tal como Eça, Machado também faz referência à gastronomia da região onde decorre a acção e dos locais que visita. Eça fá-lo com frequência, mas podemos referir, a título de exemplo, a obra *A Cidade e as Serras*, em que as personagens, apesar de estarem em Paris, recordam com saudade a comida portuguesa, nomeadamente o cabrito assado e o arroz doce. Machado leva Ferreira a apresentar a gastronomia portuguesa à visitante australiana e também ele a leva a conhecer o cabrito com batatas assadas.

### **Vergílio Ferreira**

Tal como Vergílio Ferreira, José Leon Machado apresenta características do Existencialismo. A personagem da Irmã Rafaela é confrontada com alguém que a leva a questionar os valores que a levaram a optar pela vida religiosa e a descobrir o seu verdadeiro “eu”. Quando Rafaela aborda Ferreira na tentativa de lhe oferecer os seus préstimos, é confrontada com a ideia de que afinal é ela a que está carente de ajuda. É levada a questionar as Aparições de Fátima sob o ponto de vista científico, com base na pesquisa em documentação existente. Mais tarde, Rafaela é castigada por levantar questões ligadas às suas pesquisas e opta por abandonar a vida religiosa. Parte para junto da família no norte do país, em Cabeceiras de Basto, onde procura o seu amigo Ferreira, com quem se vem a casar alguns meses mais tarde, no Mosteiro de Refojos.

As personagens de Vergílio Ferreira assumem o papel de questionadores problematizadores do real, procurando o verdadeiro “eu”. Ferreira também se apresenta como alguém que questiona uma realidade para muitos tida como absoluta.

Vergílio Ferreira privilegia a surpresa narrativa e cativa o leitor. “*Um dia, à meia-noite, ele viu-a.*” (*A Estrela*) O leitor é despertado para uma situação que ainda não conhece e fica preso nesta estratégia de sedução, agarrado ao que se poderá seguir, que se avizinha ainda mais surpreendente. O narrador não se limita a relatar os factos de forma distante, antes pelo contrário, aproxima-se do protagonista e adopta o seu ponto de vista, revelando-nos os seus sentimentos e desejos. Em *A Estrela*, o autor apropria-se da linguagem da criança e da linguagem popular, cativando a atenção do leitor para a obra e para o protagonista.

Em *A Planta Carnívora*, no trabalho de campo, no Douro, o leitor é desperto para o aparecimento de umas luzes. As personagens vão encaminhando a acção no sentido serem *aliens* e, mais adiante, o narrador apresenta essas luzes como sendo pertença de dois agentes de autoridade da GNR que ali aparecem. A surpresa e a situação inusitada cativam o leitor para a narrativa e levam-no a simpatizar e a colocar-se do lado do protagonista.

Outras situações há em que esta sedução do leitor é evidente. Vejamos o episódio do jantar em Brooklyn, em que o casal de amigos é convidado para uma festa em casa de um casal muito simpático, que apesar de não os conhecer, procuraram criar proximidade oferecendo-lhe a hospitalidade da sua casa. O casal estrangeiro aceita, mas sem perceber muito bem a atitude. Pela forma como é descrito este episódio, o leitor vê-

se quase obrigado a saber o que aconteceu depois. Só algumas páginas à frente, e após algumas pistas, é referido o conceito de *Swing*.

Machado, nesta obra, coloca a personagem principal em contacto com uma mulher austríaca e, embora Ferreira não fale alemão, são apresentadas algumas expressões nessa língua, levando, inevitavelmente, a contactar com a realidade da personagem estrangeira, tal como Vergílio fez com Pedro de *A Estrela*, ao aproximar-se da sua linguagem, típica de uma criança.

No que concerne à linguagem popular, são várias as expressões usadas. A linguagem popular é colocada ao serviço da literatura para uma representação mais aproximada das pessoas, dos seus hábitos e costumes. Eis algumas das expressões usadas ao longo da obra: “*balela*”; “*queca*”; “*era pau para toda a colher*”; “*ali no cu de Judas*”; “- *Vamos mas é ao tacho!*”; “- *Estou com uma fome de abade!*”; “*O metro àquela hora ia à pinha.*”; “*homem solteiro, ou dá em maluco ou em paneleiro.*”; “*Homem casado é homem enforcado.*”; “*número de tios*” (padrinhos); “*levarem umas chicotadas dos donos por dá cá aquela palha*”; “*gajos*”; “*pildra*”; “- *Não me fodas, Marco! O Rapapilas...*”; entre outras, igualmente cómicas. Estes recursos dão maior vivacidade, ritmo e verosimilhança à narrativa.

## **Camilo**

Numa feira de antiguidades, Ferreira encontra uma edição da *Carta de Guia de Casados* e outra do romance *Onde Está a Felicidade?* do Camilo.

Camilo é um romancista romântico e realista que aborda temas como os costumes populares, a crítica, a orfandade, as relações familiares, entre outras. O autor escreve as suas obras apoiando-se na sua mundividência e na sua experiência pessoal, sendo a sua vida atribulada uma fonte de inspiração.

As temáticas de José Leon Machado também abordam estes assuntos. Em *A Planta Carnívora* são abordados praticamente todos os aspectos referidos. Todo o romance é uma crítica aos costumes da vida académica, aborda as relações familiares e a orfandade. Praticamente no fim da narrativa, Ferreira perde o pai e experimenta o sentimento da perda e da saudade.

Ferreira critica a falta de evolução dos conhecimentos da professora do filho, as praxes académicas que revelam uma mentalidade obtusa e tribal, as notícias dos jornais, temas como a crise, a corrupção, as aldrabices dos banqueiros, a incompetência dos políticos, os meios tecnológicos obsoletos, a vida de aparências, a vida nas escolas, a sabedoria dos velhos conhecedores das constelações, a perspicácia do pai, entre outros aspectos da vida quotidiana.

Através de Ferreira, são feitas críticas aos costumes do povo português, e de povos oriundos de outros pontos do mundo.

Numa visita a Huguinho, seu filho, Ângela reclama com Ferreira a insuficiência do dinheiro que ele lhe dá. “- *Sabes quanto custam umas calças ou umas sapatilhas de marca?*” (Machado 2011: 23). Era muito importante que o filho andasse vestido de determinada forma para não ser apontado na escola. “...*E achas que eu permitiria que o miúdo fosse humilhado pelos coleguinhos que na escola se pavoneiam com tudo o que é bom? O Huguinho não é filho de pobres e analfabetos.*” (Machado 2011: 23).

O Ferreira desloca-se no seu *BMW*. As coisas são apresentadas pelas marcas e pela sua representação na sociedade consumista da actualidade. Desta forma é representada a forma de estar de grande parte da população portuguesa. Vive-se do culto da aparência e do que os outros possam pensar. O julgamento que é feito dos outros faz-se com base no que se vê e não no que se é.

A certa altura, Ferreira liga o rádio do seu BMW para ouvir as notícias que caracterizam a actualidade. As novidades passam pela crise, a corrupção, o desemprego, as aldrabices dos banqueiros e a incompetência dos políticos. Após o seu regresso dos Estados Unidos, actualiza-se através do telejornal que relata mais do mesmo. Desta forma, a sociedade é dada a conhecer ao leitor, não só ao actual, mas a um qualquer que vá contactar com a obra futuramente, ou que não faça parte da mesma mundividência.

Quando vai colaborar com Ingrid na pesquisa de campo, no Douro, são abordados por dois agentes da GNR e levados para o posto. O desenrolar dos acontecimentos e a forma como tratam a situação, retratam a falta de preparação e de zelo de alguns agentes da autoridade. “- *Talvez os Senhores doutores – e pronunciaram esta palavra com desprezo – se considerem mais espertos do que nós, pobres guardas ignorantes. Mas o problema é que toda essa história é muito suspeita.*” (Machado 2011: 118). A linguagem e a condução das diligências são satirizadas. “- *Neves! – gritou o sargento para a porta. – Traz cá a mochila destes gajos.*” (Machado 2011: 119). Ferreira, apesar de conhecedor da realidade, mostra-se surpreso com a situação “- *Droga?! – exclamou o Ferreira sem querer acreditar na estupidez dos agentes da autoridade. – Isto são plantas carnívoras.*” (Machado 2011: 120).

Ferreira refere que

(...) Há casos em Portugal mais que comprovados, em que os guardas agrediram os detidos (...) No outro caso, interrogaram uma senhora acerca do desaparecimento da filha. Para a obrigarem a falar, agrediram-na na face e na cabeça. Os agentes alegaram que ela tinha caído abaixo das escadas. (...) – Aqui é mais perigoso cair nas mãos da polícia do que na dos criminosos. (Machado 2011: 122)

A crítica não se limita a Portugal e aos portugueses. Quando Ferreira vai aos Estados Unidos, contacta com uma séria de situações que considera inimagináveis para um país dito desenvolvido. Embora sentisse repulsa pelo país do capitalismo, conseguiu surpreender-se pela negativa. Logo nos serviços de emigração, à chegada, um agente moeu-lhe a cabeça com perguntas e não acreditava que ele estivesse ali em trabalho.

O polícia argumentava que ele tinha escrito no cartão verde que vinha em trabalho. Ir a um congresso, explicou o professor, era trabalho. Mas o outro não estava convencido. Devia achar que ele tinha cara de trolha ou carpinteiro e estava ali para fugir à miséria do seu paizinho europeu. (Machado 2011: 149)

Mais tarde,

Entraram numa pizaria que lhes pareceu minimamente asseada. Em Portugal, aquele estabelecimento seria imediatamente encerrado pela ASAE. Mas ali era a terra da liberdade e nenhum empresário da restauração tinha de cumprir um dicionário de normas para manter o seu estabelecimento aberto. Pagasse ele os impostos, a protecção à máfia e à polícia e ninguém se importaria com esquisitices burocráticas de higiene, limpeza, qualidade e prazo de validade dos produtos servidos. (Machado 2011: 151)

O empregado, saído certamente das fileiras da Al-Qaeda, pôs-lhe entretanto a piza diante como se faz aos porcos de uma pocilga. Estavam eles na degustação, quando entraram dois polícias que se sentaram numa mesa próxima. O Borges, que falava da estupidez dos norte-americanos como se tivesse com eles vivido desde há muito, calou-se. (Machado 2011: 152)

As passagens anteriores tentam mostrar que, num país grandioso como os Estados Unidos, a precariedade, a corrupção, a falta de conhecimentos, entre outros aspectos, povoam a sua população. Tal como em Portugal, os agentes de autoridade são incultos e pouco cuidadosos nas suas abordagens. As ruas, de ambos os países, estão repletas de gente de origens muito diferentes e de estratos sociais divergentes. Numa livraria nos



Estados Unidos “*O vendedor, um rapazola achinesado, não lhe sabia dizer. Consultou a base de dados (...) A prateleira de baixo continha alguns volumes de ufologia na pouco saudável companhia de outros sobre ciências ocultas, misticismo...*” (Machado 2011: 153). Já na rua, Ferreira “*Passou por vários negros a empurrarem carrinhos de venda ambulante. Voltavam talvez para casa, um quarto algures, ou um lugar debaixo de uma das pontes do Hudson.*” (Machado 2011: 153)

No final da narrativa, Ferreira perde o pai. Enquanto lhe tenta valer de alguma maneira, corre o hospital e recorre aos médicos para procurar ajuda e consolo. Depara-se com a falta de médicos, de informação e encontra as urgências numa autêntica confusão. O médico tenta mostrar-lhe que não pode fazer mais nada pelo pai e que ele partiria a qualquer momento. A morte repentina do pai de Ferreira pode representar a orfandade de cada cidadão português que tem vindo a perder a pouco e pouco as suas referências histórias, sem se aperceber disso. Aquele hospital podia muito bem ser o nosso país, em balbúrdia, dirigido por médicos ineficazes e incompetentes que não sabiam como salvar o doente e tentavam ludibriar o familiar com conversa vã e pouco convincente.

## **4. Elementos estéticos da obra**

### **Relação da pintura ilustrada na capa e do título com a narrativa**

O autor serve-se de vários elementos para criar emoção no leitor e comunicar com ele. Todas as formas de arte estão intimamente ligadas e vivem em comunhão.

A pintura da capa é de Mário Couto e mostra uma mulher, muito sedutora e, aparentemente, disponível para o seu amado. Ela está sentada no leito e com as roupas entreabertas, deixando revelar os seios e parte das pernas. A sua postura não é provocatória, mas sedutora. A figura feminina transmite erotismo e sensualidade, disponibilidade para o amor, fugaz ou perdurante, a que o homem não mostrou resistência nem receio, por ser pautado de ausência de compromisso e se revelar uma descoberta constante de novas formas de amar.

Se aliarmos a imagem ao título da obra, à primeira vista parece que não há qualquer relação. Depois de se conhecer o enredo, verificamos que a relação é muito próxima e que outra escolha não faria sentido. A mulher da capa pode representar todas as mulheres que sempre se mostraram muito receptivas a Ferreira. Também podemos atribuir aquela fisionomia a Ingrid que é descrita com as mesmas características: pele branca, cabelo claro, corpo perfeito e atraente, que embora casada, encontrou um consolo para as saudades nos braços e na cama de Ferreira.

A planta carnívora, no verdadeiro sentido das palavras, refere-se a uma planta existente no Douro e que foi objecto de estudo de uma das personagens. É descrita como uma planta passiva, contrariamente a outras carnívoras, já que aguarda que as presas lhe pousem para se alimentar. Não quer isto dizer que o seu alimento se processa por mero acaso, a planta, embora de forma inócua, liberta um odor a mel e, dessa forma, atrai os insectos dos quais se alimenta. Vive em solos pobres de nitratos, limitando-se a esperar que a sua estratégia lhe traga insectos, mas se receberem nitratos em excesso, a partir de adubos deitados à terra, por exemplo, definham e morrem. Assim, podemos estabelecer uma relação entre a planta e a personagem principal. De alguma maneira, a forma de estar e a forma como atraem as suas presas é similar. Ferreira relaciona-se com várias mulheres ao longo da narrativa sem, no entanto, fazer muito por isso. De forma discreta e sem se esforçar muito, ele atrai as mulheres com quem se vai cruzando.

Embora não as procurasse, o acaso tornava-as acessíveis e irrecusáveis, sempre sensuais e envolventes a ponto de não evitar novos encontros. A sua figura e forma de estar parecem ser os ingredientes necessários para ter companhia. Tal como a planta, ele está no seu canto e as mulheres vão ter com ele e, sem grande trabalho, acaba por satisfazer sempre a libido.

## Música

A música e os diferentes estilos musicais marcam presença ao longo de toda a obra. Através de diferentes personagens, podemos contactar com vários autores e referências musicais. A literatura e a música estão em perfeita harmonia na transmissão da mensagem.

A personagem de Maria da Piedade tem na sua estante CD's de música clássica, medieval e *heavy-metal*<sup>3</sup>.

Havia de música clássica, medieval e *heavy-metal*. Estes destoavam do conjunto e ele pensou que talvez tivessem pertencido ao ex-marido, que ali os deixara. Mas enganava-se. A colega gostava, em ocasiões muito especiais, de ouvir os Black Sabbath, os Iron Maiden, os Megadeth e os Metallica. (Machado 2011: 41)

A música medieval estava relacionada com a área profissional da professora, mas o *heavy-metal* era a sua música de eleição, sobretudo na hora do sexo.

Foi ao ritmo dos Metallica que o Ferreira teve de executar o duro e hábil ofício de canalizador, actividade que há alguns meses não exercia. E não se saiu mal, apesar da ferrugem das ferramentas e da qualidade duvidosa dos tubos. (Machado 2011: 43).

Maria da Piedade encontrava neste género musical uma forma de libertação, sobretudo na cama, onde se revela completamente diferente da professora universitária.

Talvez essa fera se acirrasse com o *heavy-metal*. Fazer amor a ouvir toda aquela parafernália de guitarras eléctricas e baterias à mistura com os gritos animalescos dos vocalistas foi uma experiência *sui generis*. Chegou a pensar se a Maria da Piedade, enquanto ele executava arduamente a sua função de macho, não estaria possessa por algum dos demónios evocados nas canções. (Machado 2011: 44).

A música clássica também marca a sua presença na obra. “*Já no apartamento, comeu qualquer coisa, meteu um CD com a sinfonia n.º 7 de Mahler<sup>4</sup> no aparelho e sentou-se no sofá, o livro sobre um dos joelhos na página quarenta e sete.*” (Machado 2011: 20). Não é ocasional o facto de ter escolhido um compositor austríaco quando pensava em alguém que conhecia em Innsbruck, Áustria. Desta forma, a cena é remetida para o local do pensamento.

Noutros momentos, Ferreira escuta os madrigais de Palestrina durante uma conversa relaxante.

## Literatura e jornalismo

---

<sup>3</sup> O *heavy-metal* começou por abordar assuntos soturnos e depressivos, até então nunca abordados em qualquer forma de música popular, bem como o sexo, a morte, as drogas, entre outras temáticas. A partir de 1980 as letras do *heavy-metal* passaram a incluir críticas sociopolíticas e temas filosóficos.

<sup>4</sup> Mahler – regente e compositor austríaco. As sinfonias do segundo período: 5, 6 e 7, costumam ser chamadas de sinfonias Rückert. Elas têm esse nome porque a composição delas foi influenciada pela musicalização que Mahler fez para os poemas de Friedrich Rückert (1788-1866). Elas são puramente instrumentais e as mais trágicas do ciclo sinfónico.

Muitas vezes a literatura serve-se de outras obras e de outros artistas. Ao longo da obra são nomeadas várias obras e vários autores que, de alguma maneira, influenciam o autor, as personagens ou, simplesmente, servem para contextualizar o assunto tratado.

Ferreira refere alguma literatura necessária à sua actividade académica e área de investigação. “...a ler um calhamaço que mandou vir da Amazon sobre o adultério na Inglaterra vitoriana.” (Machado 2011: 13)

Para abordar o fenómeno da Aparições de Fátima, Ferreira faz investigação em jornais da época da ocorrência. “O jornalista de O Século Avelino de Almeida referiu-se a um disco de prata fosca. Um padre, num jornal paroquial, foi claro ao dizer que não tinha sido o Sol a andar, mas um veículo que trouxe Nossa Senhora.” (Machado 2011: 26) Os arquivos de material jornalístico servem para estudar à luz dos conhecimentos actuais, fenómenos e acontecimentos ocorridos noutros tempos, e para os quais, não havia informação adequada disponível. Assim, ele resolve “(...) procurar as fotografias tiradas por Benoliel no dia 13 de Outubro de 1917 em Fátima.” (Machado 2011: 33)

Para se manter actualizado, Ferreira compra o jornal e ouve as notícias na rádio.

As *Memórias* de Lúcia são referidas por Ferreira numa conversa com Rafaela. Ele tenta mostrar-lhe que o que aconteceu em 1917 é tudo menos um fenómeno natural e que alguém preparou o que aconteceu. Refere aquilo que os pastorinhos disseram e que Lúcia escreveu na sua obra “(...) tiveram um encontro com o anjo em 1916 que lhes deu a comunhão.” (Machado 2011: 134). Ferreira supõe que poderia não ser um anjo, mas alguém que preparava o que havia de acontecer no ano seguinte, com substâncias químicas.

Aquando da viagem de Ferreira aos Estados Unidos, este refere que conhece pouco da terra que se propõe visitar, conhecendo apenas o que lhe foi apresentado pelos autores Salinger, Steinbeck, Hemingway, Philip Roth e Paul Auster. Faz referência a eles e ao facto de falarem sobre a sua terra natal, mas não explora as temáticas e assuntos tratados pelos referidos autores.

Nesta viagem, Ferreira aproveitou para actualizar a sua biblioteca com livros sobre ufologia. Comprou o *Flying Saucers and Science*, de Stanton T. Friedman, físico nuclear, que lhe prendeu atenção no momento de desfazer as malas.

Na altura da morte do pai, Ferreira relembra os momentos que passaram. Recordase de o pai trazer para casa, dentro de um caixote, de uma casa onde andava a fazer obras, várias obras de autores portugueses e estrangeiros. Dos portugueses, são referidas as obras de Camilo em edições do início do século XX, do Eça, do João Grave e do Guerra Junqueiro. Havia também obras em francês de Balzac, do Guy de Maupassant, do Flaubert e do Zola. O caixote continha ainda dois volumes do *D. Quixote*, traduzidos por Castilho.

### **Stella Matutina<sup>5</sup>**

Esta designação aparece numa carta que Ferreira escreve à Irmã Rafaela.

A verdade está algures aguardando que a irmã Rafaela a encontre. A Stella Matutina vela os nossos sonhos. (...) perguntou-se se ela iria entender a alusão à Stella Matutina. Provavelmente não. Ou talvez a confundisse com um dos apodos da Virgem Maria, também conhecida por Estrela da Manhã. (Machado 2011: 66)

---

<sup>5</sup> A *Stella Matutina* (Estrela da Manhã) é um apodo de Nossa Senhora e é o planeta Vénus.

Ferreira ao apelar a este apodo, provavelmente deseja que a verdadeira força da Virgem a faça encontrar a verdade. A Stella Matutina está associada à força e à luz. O planeta Vénus é o mais luminoso do céu nocturno, depois da Lua, podendo velar pelos sonhos dos terrestres. O planeta recebeu este nome em honra da deusa romana do amor e da beleza: será que Ferreira já antevia, no seu íntimo, a bela mulher que se escondia por trás do hábito? A explicação que me parece mais plausível é que Ferreira faz alusão à Stella Matutina para se referir ao planeta em si, levar a Irmã a pensar na existência de mundo para além da Terra e para a possibilidade de lá existirem outros seres.

## **Cinema**

A sétima arte está presente na obra, embora de forma ténue. Para caracterizar Ingrid, numa das saídas para a pesquisa de campo, Ferreira diz que ela parece a Lara Croft, faltando-lhe apenas as pistolas à cinta.

Numa das saídas com o filho, uma das actividades era assistir a um filme a 3D, muito desejado por Huguinho.

Noutra visita ao Centro Comercial, desta feita com Ingrid, ambos passam em frente das salas de cinema, mas acabam no apartamento de Ferreira a assistir a *Barbarella*, com a Jane Fonda. Este filme é referido com o intento de introduzir o assunto da existência de vida noutros planetas. A abordagem a este filme leva as personagens a conversarem sobre Woody Allen e o filme *Sleeper* de 1973, não a propósito de ficção científica, mas de sexo virtual.

## **O número 12**

O número doze é usado, pelo menos, em três situações. A sua utilização não parece casual. Embora sejam referidos outros números, este parece merecedor de especial atenção, pelo facto de se repetir ao longo da obra.

A personagem de Ingrid, na noite da despedida de solteira, recolhe doze números de telefone. A missa no dia da visita a Fátima ocorre às doze horas. As plantas que Ingrid encontra no primeiro viveiro selvagem de pinheiros-babosos eram doze. O uso do número até pode ter sido ocasional, no entanto, a sua repetência e simbologia merecem referência.

Simbolicamente, o número doze representa a ordem cósmica, a salvação. Os signos do zodíaco são doze. Está ligado à ideia de espaço e tempo, à roda ou círculo. É considerado como um número símbolo da realização. Ele é a multiplicação do número que representa a trindade, o três com o quatro, o número da totalidade da psique.

Se nos remetermos para o plano bíblico, os apóstolos de Cristo eram doze, como se evidencia no Evangelho: "*Os nomes dos doze apóstolos são...*" (Costa *et al* 1992: Mt 10,2) e o próprio Senhor diz a seus discípulos: "*Não vos escolhi eu doze?*" (Costa *et al* 1992: Jo 6,70). O número doze também representa a totalidade dos santos que, eleitos das quatro partes do mundo pela fé na Santíssima Trindade, formam uma só Igreja. Esses eleitos são figurados por aquelas doze pedras preciosas com as quais, no Apocalipse, se descreve a construção da cidade do grande Rei. São também doze as tribos de Israel que vêem a Deus.

Os meses do ano são doze e as duas partes do dia estão divididas em duas partes, com doze horas cada.

Pelo exposto, a utilização repetida do número não parece fortuita e parece ir buscar a sua representatividade para a obra.

## **Cícero**

O nome da personagem principal foi uma escolha cuidada. Marco Túlio Ferreira remete para Marco Túlio Cícero, esse grande filósofo romano. Para além de filósofo, foi orador, escritor, advogado e político. Nasceu no ano 106 a.C. e foi um grande intelectual da sua época. Admirava Platão, especialmente a sua seriedade moral e política, mas também respeitava a sua imaginação. Mesmo assim, Cícero rejeitou a teoria das Ideias dele. Cícero foi declarado um pagão justo pela Igreja católica, e por essa razão muitos dos seus trabalhos foram preservados. Santo Agostinho e outros citavam os seus trabalhos "*De re publica*" (Da República) e "*De Legibus*" (Das Leis).

Marco Túlio Ferreira é também um intelectual tornando esta ligação mais lógica. Quanto ao sobrenome Ferreira, a escolha não parece accidental. No decorrer da narrativa é feita referência ao vinho *Barca Velha*, que é um dos vinhos de mesa mais conceituados das Caves Ferreirinha. A alusão ao vinho que afamou tanto as caves como a região demarcada do Douro, parece óbvia e pertinente. Neste sentido, o autor liga a intelectualidade de Cícero com a regionalidade do Douro.

## **Rafaela**

Na obra, Rafaela é o nome de uma personagem feminina que segue a vida religiosa. A origem do nome Rafaela é hebraica e significa “curada por Deus”.

Hipoteticamente, o autor poderia ter escolhido outro nome para a personagem, mas este parece o mais adequado tendo em conta a personagem e o seu percurso. Também a Irmã Rafaela, apesar de religiosa, parece ter necessidade de encontrar o verdadeiro Deus, não aceitando cabalmente tudo o que lhe é dado a conhecer sem questionar.

## **D. Dinis**

A hipotética universidade onde trabalha Ferreira chama-se D. Dinis. Esta instituição não existe na realidade enquanto universidade, no entanto, existe a Fundação D. Dinis ligada à Universidade de Alto Douro e Trás-os-Montes.

O rei D. Dinis foi um dos principais responsáveis pela criação da identidade nacional portuguesa. A ele se deve em larga escala o alvor da consciência de Portugal enquanto Estado e Nação. Instituiu o Português como língua oficial da corte, libertou os Ordens Militares em território nacional de influências estrangeiras e prosseguiu um sistemático acréscimo do centralismo régio. Foi grande amante das artes e letras e, devido à sua obra poética, é hoje conhecido como o *O Rei-Poeta* ou *O Rei-Trovador*. Pensa-se ter sido o primeiro monarca português alfabetizado, tendo assinado sempre com o nome completo. Culto e curioso das letras e das ciências, terá impulsionado a tradução de muitas obras para Português e foi o responsável pela criação da primeira universidade portuguesa.

Apesar do contributo de D. Dinis para a História de Portugal, nomeadamente a nível da educação, não há nenhuma universidade com o seu nome, embora a sua estátua esteja presente na Universidade de Coimbra. O autor reconhece a sua importância e atribuiu o seu nome à universidade da sua obra, fazendo-lhe de alguma forma, a justa homenagem.

## Conclusão

Pelo exposto nesta explanação, penso que fica patente que José Leon Machado não segue correntes literárias, antes se deixa influenciar por obras e autores clássicos, podendo ser considerado um autor contemporâneo, época em que assistimos à absoluta relatividade do belo e que cada indivíduo, enquanto autor, procura afirmar-se pelas suas próprias ideias, por um estilo próprio, igual a si mesmo.

Machado presa o rigor do romance histórico, aliado à actualidade brindada por uma boa dose de sensualidade e erotismo, sem no entanto ser banal ou brejeiro nas suas exposições. A boa disposição é outro ingrediente aliciante na sua obra, que tornam a crítica de costumes subtil e deixam uma mensagem para o futuro, à semelhança do que fizeram outros autores no passado, como é o caso de Eça de Queirós.

A escrita para este autor não é apenas fruto da inspiração do momento, pelo contrário, é repleta de um trabalho de pesquisa constante, recorrendo à simbologia e à escolha cuidada das suas personagens e dos seus percursos. Umas vezes o acaso proporciona-lhe uma boa base de trabalho, outras, o autor parte à procura de pontos de interesse que lhe deiletem a inspiração e o prazer pela escrita, cativando dessa forma os seus leitores, já que o empenho e o agrado com que escreve transparecem e agarram o receptor das suas obras.

*Vila Real, Setembro de 2011*

## Bibliografia

- Costa, Alcino, Tavares, António Augusto, Dias, Geraldo Coelho, Neves, Joaquim Correia, Lima, Joaquim Macedo, Ramos, José A. e *et al* (1992). *Bíblia Sagrada*. Lisboa: Difusora Bíblica
- Ferreira, Vergílio (2001). *A Estrela*. Bertrand Editora
- Machado, José Leon (2011). *A Planta Carnívora*. Braga: Edições Vercial
- \_\_\_\_\_ (2009). *O Cavaleiro da Torre Inclinada*. Braga: Edições Vercial
- Queirós, Eça (1993). *A Capital!* Círculo de Leitores
- \_\_\_\_\_ (1993). *A Cidade e as Serras*. Círculo de Leitores
- \_\_\_\_\_ (1993). *A Ilustre Casa de Ramires*. Círculo de Leitores
- Saramago, José (1984) *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Lisboa: Editorial Caminho. Internet. Disponível em: <http://www.esgportugues.com/docspdf/morteRR.pdf> (Consultado em 21 de Agosto de 2011)
- <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/index.php?id=2241> (consultado em 21 de Agosto de 2011)
- [http://home.utad.pt/~ume/d\\_dinis.pdf](http://home.utad.pt/~ume/d_dinis.pdf) (consultado em 22 de Agosto de 2011)
- <http://www.hottopos.com/videtur23/jean.htm> (consultado em 10 de Agosto de 2011)
- <http://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=57> (consultado em 21 de Agosto de 2011)
- <http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/1581094> (consultado em 21 de Agosto de 2011)
- <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/estetica-e-literatura/> (consultado em 21 de Agosto de 2011)
- <http://symbolom.com.br/wp/?p=2471> (consultado em 22 de Agosto de 2011)
- <http://pt.wikipedia.org> (consultado em 21 de Agosto de 2011)
- [http://pt.wikipedia.org/wiki/Arte\\_contempor%C3%A2nea](http://pt.wikipedia.org/wiki/Arte_contempor%C3%A2nea) (consultado em 21 de Agosto de 2011)
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Comunica%C3%A7%C3%A3o> (consultado em 21 de Agosto de 2011)
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADcero> (consultado em 22 de Agosto de 2011)
- [http://pt.wikipedia.org/wiki/Dinis\\_I\\_de\\_Portugal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Dinis_I_de_Portugal) (consultado em 22 de Agosto de 2011)